

ANO 26 - Nº 287
Fevereiro - 2022



Escola Particular

PUBLICAÇÃO MENSAL DO SINDICATO DOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO ESTADO DE SÃO PAULO

FECHAMENTO AUTORIZADO • Pode ser aberto pela ECT.



**EDUCAÇÃO
REGENERATIVA:
UMA EDUCAÇÃO NECESSÁRIA**



Ações do educador facilitadoras para o êxito do ensino e da aprendizagem dos educandos: o olhar, a escuta e o vínculo

Ao longo de nossa trajetória como educadores, assumindo distintos trabalhos, inclusive o de assessoria; temos insistido em evidenciar, a partir de uma reflexão crítica, ações do educador que consideramos facilitadoras para o desempenho no seu ato de ensinar e de despertar a aprendizagem no educando. Trazemos a presença do olhar, da escuta e do vínculo que se estabelece entre eles, considerando-os fundamentais na composição do saber relacional além dos outros saberes, como: o docente e o espe-

cífico da área de conhecimento dos educadores.

Assinalamos aqui algumas de nossas ideias que já se encontram inseridas em duas de nossas obras publicadas^(*).

Construímos relações produtivas e importantes na sala de aula se nosso vínculo, como educadores, estiver interconectado com o olhar e a escuta. Essa tríade torna-se especialmente produtiva em amplos sentidos: abre possibilidades de serem criados conjuntamente caminhos interativos, comunicação mais efetiva, abertura às diferenças, incentivos

ao conhecimento socialmente construído, ambiente acolhedor, respeito aos valores, melhores condições de análise crítica da realidade e possíveis transformações entre ambos: educadores e educandos.

Começamos falando do olhar. O que significa o olhar na relação educador e educando?

Consideramos que o olhar, apesar de não fazer uso direto das palavras, pode ter um efeito tal que censura ou aprova, exclui ou inclui, retrai ou mobiliza, em outras palavras: rejeita ou acolhe o outro, que é o foco de nosso olhar.

Tal e qual o ato de olhar, a escuta também apela à sensibilidade e à atenção intencional

como meu objeto de investigação? – O que não vejo? O que não escuto?

Este questionamento é provocativo para uma atuação pedagógica diferenciada, que nos leva a um instante de interioridade para tornar o educando presente, digno de nossa atenção – afinal, ele também curiosamente nos olha. E, para isso, além da atenção esperada, há outras qualidades nesse olhar: o de ser acolhedor e afetivo. O que não significa ser apenas benevolente e ignorar os desacertos. Sendo assim, é um olhar que incita e impulsiona o autoconhecimento, autoanálise e autoestima do educando, em ação que envolve um processo interativo de construção de histórias conjuntas. Histórias que se cruzam no dia a dia das interações no cenário escolar.

Impossível isolar o ato de olhar daquele da escuta

Tal e qual o ato de olhar, a escuta também apela à sensibilidade e à atenção intencional. Por isso mesmo, ela se envolve em valores, de modo que haja no educador o reconhecimento daquele que se comunica – o educando –, e o acolhe em escuta hospitaleira, afetiva, humilde, empática, respeitosa, valorativa.

Escutar é entendido diferente de ouvir. O ouvir – do latim *audio* (verbo) e *auditionis* (substantivo = ação de ouvir) – é, portanto, ação específica do sentido da audição; é o perceber e captar sons/ruídos pelos ouvidos. Já o escutar – do latim *ausculto* (verbo) = *dar ouvidos a...* é uma ação mais consciente e sensível que ultrapassa o simples ouvir porque o sujeito ouvinte se põe aberto a não usar apenas o ouvido, mas todos os outros sentidos frente à comunicação do outro.

É por isso que podemos dizer que o **olhar** vem junto com a **escuta**. As ações pedagógicas, a didática em sala de aula, as atividades sugeridas não são mero fazer por fazer. São essencialmente envolvidas de atenção esmerada para com o educando que aprende, o que significa ter objetivos e intencionalidades em cada etapa de construção do conhecimento.

Fica-nos, então, a pergunta: quem nos ensina a transformar o simples “ouvir” em “escutar”? Pensamos que, efetivamente, quem nos ensina é a prática, a experiência de lidar com o confronto e a resolução de conflitos relacionais. Aprendemos quando nós, educadores, passamos a admitir a importância do saber escutar, sem pressa, com abertura ao nosso interlocutor – o educando – para que possamos criar uma comunicação em reciprocidade de atenção consciente.

Para que haja reciprocidade, cabe a nós ensinar o educando a olhar e a escutar, e essa aprendizagem se torna eficiente quando nossa atenção ao outro não for automática nem simplória, mas consciente, quando se coloca disponível para fazer uma ruptura com o eu centralizador e arrogante, aceita sair da privacidade, põe-se na condição mútua de revelar-se e de ser compreendido.

Até que ponto a pandemia alterou a forma de olhar e de escutar nosso educando?

A pandemia transformou nosso diálogo, este que sustenta e dá sentido ao olhar e à escuta em nossas interações.

O isolamento, ao qual a escola teve de se submeter, provocou a adesão exclusiva à aplicação de recursos remotos, afastou a riqueza

(*) MARTINS, João Carlos e PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite. « O fazer pedagógico - (re) significando o olhar do educador » (2009). TERZI, Cleide, MARTINS, João Carlos e PIMENTEL, Lucilla da Silveira Leite « Sala de aula: quando eu entro e fecho a porta... Quando eu entro e abro a porta ». (2018) – ambas publicadas pela Wak Editora.



insubstituível do convívio presencial, distanciou e tornou precárias as condições mais genuínas que nos ofereciam as possibilidades de efetivo diálogo pedagógico. Este enfrentou os imprevistos e limitações. Tivemos que nos adaptar, reinventar para atrair, seduzir os educandos nas aulas e tarefas online, inclusive para não enfraquecer o vínculo já conquistado.

E o que dizer do vínculo?

Impossível separar o vínculo do olhar e da escuta. Eles se enriquecem mutuamente tornando-se o sustentáculo da dialogicidade entre educador e educando. Enrique Pichon-Rivière (1907-1977), psiquiatra e psicanalista, considerou a importância do vínculo nas interações pessoais. É através dele que alimentamos a empatia, a acolhida ao outro para abrir espaços de discussão e convivência

entre pessoas de diferentes de realidades.

A valorização do vínculo na pandemia ganha força e sentido potencializado. Em função dos desafios do universo remoto o educador precisou se fazer presente, entrar nas casas das famílias, escutar e olhar atentamente o que era e é possível olhar e escutar, mas não se desvincular da relação estabelecida, dos afetos criados e da possibilidade de, pelo vínculo, reforçar sua presença na vida de seus educandos, em um momento tão impar das nossas relações.

Muitos conteúdos poderão ser recuperados após esse período em que vivemos, e passam a ter uma posição menos importante do que as relações e vínculos que ajudarão nossos educandos a superar suas angústias e crises socioemocionais.

Se para nós, adultos, está difícil enfrentar as agruras de uma pandemia, imaginemos para as crian-

ças e adolescentes, envolvidos em suas dúvidas e imaturidades. Com certeza, a presença atenta e empática de um educador que se propõe a ampliar seu olhar, sua escuta e a fortalecer o vínculo, poderá fazer diferença e marcará a forma como muitos educandos enfrentarão este ano de 2021. ●

JOÃO CARLOS
MARTINS



Doutor em Psicologia da Educação. Mestre em Educação. Ganhador do PNGE 2008 – Prêmio Gestor Educacional do Ano.

LUCILLA DA SILVEIRA
LEITE PIMENTEL



Mestre em Filosofia da Educação. Mestre em Comunicação Social. Psicopedagoga.